

A ANTÍGONA DE MARÍA ZAMBRANO E AS POSSIBILIDADES DE UMA VIDA QUEBRADA

MARÍA ZAMBRANO'S ANTIGONE AND THE POSSIBILITIES OF A BROKEN LIFE

Felipe Augusto Alves Soares¹
Jelba Erlinda Brooks Asencio²

Resumo:

Este estudo articula a reinterpretação de Antígona realizada por María Zambrano ao conceito de "quebra" desenvolvido por Jota Mombaça, com o objetivo de explorar as possibilidades de uma vida ferida. A análise parte da tumba zambraniana como espaço de tempo, consciência e reconhecimento de si; em seguida, por sua vez, aproxima-se a "quebra" enquanto condição ético-estética de vidas atravessadas por feridas históricas e socialmente constituídas. Sustenta-se que Antígona permite pensar uma existência cuja ferida se converte em presença, palavra e resistência. Desse modo, o artigo relaciona a consciência trágica da personagem ao problema atual das vidas marcadas por violências familiares, sociais e políticas. A partir desse diálogo, busca-se evidenciar que a vida quebrada pode produzir modos de enunciação e permanência diante das forças que procuram silenciá-la, sem, com isso, converter a dor em virtude nem romantizar a violência que atravessa sua constituição histórica, social, política e simbólica.

Palavras-chave: Antígona; María Zambrano; Quebra; Jota Mombaça

Abstract:

This study links María Zambrano's reinterpretation of Antigone to the concept of "break" developed by Jota Mombaça, with the aim of exploring the possibilities of a wounded life. The analysis begins with Zambrano's tomb as a space of time, consciousness, and self-recognition; it then approaches "break" as an ethical-aesthetic condition of lives marked by historically and socially constituted wounds. It is argued that Antigone allows us to conceive of an existence in which the wound becomes presence, word, and resistance. In this way, the article relates the character's tragic consciousness to the current problem of lives marked by familial, social, and political violence. Through this dialogue, the study seeks to demonstrate that a broken life can produce modes of enunciation and permanence in the face of forces that seek to silence it, without thereby turning pain into virtue or romanticizing the violence that permeates its historical, social, political, and symbolic constitution.

Keywords: Antigone; María Zambrano; Break; Jota Mombaça

¹ Mestre em Filosofia (PPG-FIL/UFPI). ORCID: 0000-0003-3672-111X, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0591725260199758>, E-mail: felipoauguste@hotmail.com

² Doutoranda em Filosofia (PPG-FIL/UFPI). Bolsista CAPES. ORCID: 0000-0002-3065-3972. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6223095445522508>, E-mail: jelbabrooks@gmail.com

Introdução

Há muito tempo, a tragédia grega ocupa espaço no imaginário dos povos ocidentais, especialmente no lugar de uma intelectualidade que aponta para a construção de arquétipos morais. Entre as figuras, a de Antígona, também ocupa um lugar singular na tradição filosófica e literária. Situada no ciclo mítico tebano, a personagem de Sófocles (496 a. C- 406 d- C.) atravessa a história como imagem de uma existência marcada pela perda, pela maldição familiar, pelo conflito com a lei da cidade e pela fidelidade aos mortos. Ao reivindicar os ritos fúnebres para Polínicos, contrariando a ordem de Creonte, Antígona inscreve sua ação em uma zona de tensão entre vida e morte, família e pólis, obediência e desobediência, abandono e dignidade.

Entretanto, María Zambrano (1904-1991), no livro *La Tumba de Antígona*, aponta um outro final: Antígona não se suicidou em sua prisão (sua tumba). Para a filósofa, a jovem tebana, percorrida desde a origem pela anomalia de sua família, pelo exílio, pela morte dos seus e pela impossibilidade de dispor da própria vida, não poderia simplesmente dar fim a si mesma. A tumba aparece, então, como um espaço paradoxal. Por um lado, é espaço de condenação e morte; por outro, torna-se lugar de consciência.

É a partir dessa análise que este artigo aproxima Zambrano do conceito de "quebra" proposto por Jota Mombaça (1991-) em *Não vão nos matar agora*. A "quebra" permite pensar vidas atravessadas por feridas históricas e socialmente constituídas, vidas que não partem da pressuposição de inteireza, mas ainda assim produzem gestos, formas de presença e modos de resistência. A pergunta que orienta este estudo é: de que modo a Antígona de Zambrano, em diálogo com Mombaça, possibilita compreender uma "vida quebrada" que transforma sua própria condição em consciência, presença e resistência? Para responder a essa questão, organizamos o texto em três momentos: no primeiro momento, examinamos a reinterpretação zambraniana de Antígona a partir da relação tumba e consciência; em seguida, analisamos a "quebra" em Mombaça como categoria ético-estética; por fim, propomos uma leitura de Antígona como figura de "vida quebrada".

A Antígona de Zambrano entre a tumba e a consciência

Podemos afirmar que, em sua prisão, Antígona não se vê simplesmente livre da maldição; antes, encontra-se pela primeira vez diante dela, podendo atravessá-la como consciência. A tumba não elimina a ferida, mas torna-a visível como destino familiar, político e histórico. Nesse espaço, a liberdade surge vinculada ao reconhecimento da vida despedaçada que a constitui e à possibilidade de assumir, a partir dela, uma palavra própria.

Ali, Antígona permanece diante da vida que não pôde viver e da ferida que a constitui. Essa interpretação é reforçada por Costa (2024, p. 2), ao observar que, na leitura zambraniana, Antígona realiza na tumba uma espécie de *anagnórisis*, —um reconhecimento de si que ocorre enquanto dialoga com os demais personagens da história. Nesse tempo suspenso, a protagonista passa a pensar sua própria condição e a maneira pela qual abdicou de si ao longo da sua trajetória; encontra, finalmente, um tempo para si e realiza aquilo que Zambrano nomeia de transcendência poética.

Ao exigir os ritos funerários para Polinices, Antígona reivindica algo que ultrapassa a obrigação familiar e confronta a ordem política de Creonte. Em síntese, a tumba é o lugar onde Antígona pode, pela primeira vez, experimentar uma temporalidade própria —um tempo em suspenso que Zambrano identifica como condição para a transcendência poética. É precisamente aí que se revela a terceira lei, que não se confunde com o édito de Creonte nem com a piedade familiar. Trata-se de uma lei que, "acima dos deuses e dos homens" (Zambrano, 1986, p. 208, tradução nossa), aponta para uma justiça não codificável, cuja exigência se manifesta na própria fissura entre o direito positivo e a dignidade dos corpos abandonados.

Nas palavras da filósofa:

É a lei deixada para trás, caída no esquecimento, por vezes enterrada: o princípio eterno que está além, acima não apenas dos deuses —daqueles deuses— e dos homens, mas do próprio destino que parecia pairar sobre eles, mudo, incognoscível. A lei na qual o destino se configura e, por isso mesmo, se redime (Zambrano, 1986, pp. 212-213, tradução nossa).

Essa terceira lei interessa ao argumento porque permite compreender a ação de Antígona como enunciação de uma dignidade anterior à autorização política de Creonte. Nela, a ferida familiar e histórica encontra uma forma de palavra que não depende do reconhecimento do poder. Na tradição trágica, a figura de Antígona costuma ser lida sob o signo de sacrifício. O próprio caráter do trágico parece emergir da expiação das desventuras de seus heróis por meio dos ensinamentos que deixam. Em Zambrano (1986), o sacrifício de Antígona abre passagem para uma consciência de "clareza profética". "Uma vítima digna de sacrifício, no sentido humano, é aquela que não o buscou, que não se dispôs a sacrificar seu próprio ser e sua própria vida em busca do sacrifício, algo tão comum nos tempos modernos" (Zambrano, 1986, p. 213, tradução nossa). Esta consciência seria precisamente formada na tumba, no espaço entre sua vida não vivida e sua morte latente.

Se o sacrifício não pode ser compreendido enquanto objetivo da protagonista, resta articular o que produz e o que é capaz de produzir esta consciência derivada de sua situação trágica. Nesse ponto, a leitura de Zambrano permite aproximação com Mombaça. Da tragédia de Antígona desprende-se algo que excede: uma consciência, uma palavra, uma forma de presença que não existiria sem a ferida que a configura. A "quebra", nesse sentido, não será tomada aqui como sinônimo de ruína absoluta, em seu lugar é adotada como o nome de uma situação limite na qual a vida, impedida de coincidir consigo mesma, ainda assim encontra modos de aparecer, falar e resistir.

A "quebra" enquanto ferida, presença e politização

Jota Mombaça (2021), em *Não Vão Nos Matar Agora*, apresenta e desenvolve o conceito de "quebra" que pode ser invocado para pensar vidas atravessadas por feridas históricas e socialmente constituídas. A autora parte de experiências artísticas e coletivas realizadas desde "corporalidades inscritas por feridas histórica ou socialmente constitutivas do mundo" (Mombaça, 2021, p. 22). Neste estudo, a "quebra" será compreendida em três sentidos articulados: primeiro, enquanto ferida histórico-social que impede a pressuposição de uma inteireza originária; segundo, enquanto movimento de estilhaçamento, do qual emergem

gestos, presenças e formas de enunciação; terceiro, enquanto possibilidade de politização da ferida.

No primeiro movimento, a "quebra" é compreendida enquanto ferida histórico-social, no empreendimento de Mombaça (2021). Ela pensa que tensionar corpos que habitam lugares de precariedade, abrindo espaço para aquilo que pode aparecer de suas rachaduras, dos processos destrutivos que se ocupam de suas vidas e da maneira pela qual esses corpos podem inventar estéticas de vida sem trazer por pressuposto uma integridade que nunca lhes foi possível. Inventar a partir desses lugares envolve risco, tal qual ocorreu com Antígona.

A "quebra", portanto, indica uma condição anterior à própria ideia de inteireza. Há vidas que se constituem sob forças históricas, raciais, sexuais, políticas e econômicas que impedem qualquer promessa de unidade. Nelas, a perda de forma convive com a produção de outra presença. A quebra, nesse sentido, diz respeito ao dano sofrido e, ao mesmo tempo, aos modos pelos quais vidas feridas encontram gestos, linguagens e sentidos a partir daquilo que as constitui.

Não obstante, pontuamos que é necessário perceber que o risco assumido ao tentar elaborar outra perspectiva de vida possível desde sujeitos quebrados pelo mundo que os cerca é o mesmo risco que esses corpos correm ao viver sob qualquer perspectiva ocupando tais lugares. Mulheres, pessoas dissidentes dos sistemas sexual e de gênero e pessoas racializadas, conforme aponta Mombaça (2021), tornam-se sujeitos no seio desta tensão, deste perigo, de forma que o sujeito pode ser qualquer coisa menos a anedota de coesão que se espera.

Desse modo, a ferida histórico-social não remete apenas à precariedade, mas também à invenção de dignidades possíveis. Assumir o lugar da quebra enquanto possibilidade de vida significa antes de tudo assumir a vida vivida por aqueles que tiveram a dignidade roubada e que inventam para si novas dignidades. Por não encontrarem sentido no mundo que lhes impõe rachaduras, esses corpos podem dar sentidos totalmente novos e honestos para a realidade, sentidos construídos naquilo que compartilham as pessoas cujas vidas foram arruinadas pelo mundo. É sobre este lugar complexo, perigoso e fértil da quebra que iremos nos debruçar.

No segundo movimento, a quebra será pensada enquanto estilhaçamento e produção de presença. A definição de Mombaça preserva a dificuldade do próprio fenômeno. Nas palavras da autora, "o que aqui chamo quebra não são os estilhaços, mas o movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento" (Mombaça, 2021, p. 24). A imagem da vidraça estilhaçada aproxima a quebra de um movimento que resiste à definição acabada e, justamente por isso, impulsiona suas articulações. A chave não está apenas na disposição dos cacos, mas no movimento abrupto que rompe a forma anterior, desorganiza suas bordas e abre o campo das possibilidades.

Essa imagem do estilhaçamento permite compreender Antígona como movimento que desordena a própria cena política. Seu gesto diante do corpo de Polinices faz a ferida circular, torna pública a violência da lei e impede que o poder de Creonte estabilize a fronteira entre os mortos dignos de luto e aqueles condenados ao abandono. Mombaça (2021) refere-se aqui a um processo situado no limite histórico e do social, sem ordenação prévia, capaz de irromper em todas as direções múltiplas. Interessa-nos, então, a maneira pela qual corpos impossibilitados pela situação-quebra fazem surgir possibilidades que só podem nascer nessa ruptura e que, ao mesmo tempo, caminham para além dela.

O terceiro movimento começa quando a ferida passa a ser pensada enquanto lugar de enunciação, percepção e politização. Em diálogo com Mombaça, a reflexão de Gloria Anzaldúa em *Borderlands/La frontera* permite ampliar a compreensão da ferida enquanto zona de fronteira: lugar de violência, separação e conflito, mas também de passagem, ambiguidade e recomposição. Essa imagem de fronteira ajuda a compreender a posição de Antígona: situada entre vivos e mortos, lei da cidade e justiça não escrita, família e pólis, ela não ocupa um lugar reconciliado, mas um entre-lugar no qual sua palavra se torna possível. Anzaldúa (2016) fala de "faculdade", uma capacidade de percepção aguda que desenvolvem aqueles que são expulsos da tribo.

A faculdade é a capacidade de distinguir, nos fenômenos superficiais, o significado de realidades mais profundas, de perceber a escritura profunda por baixo da superfície. É um «sentir» instantâneo, uma percepção rápida à qual se chega sem raciocínio consciente [...] Quem possui essa sensibilidade sente-se dolorosamente vivo e aberto ao mundo. [...] As pessoas mais atacadas são aquelas que mais a possuem —as mulheres, os homossexuais de todas as raças, as pessoas de pele escura, os excluídos, os perseguidos, os marginalizados, os estrangeiros (Anzaldúa, 2016, p. 85, tradução nossa).

Então, neste movimento a quebra aparece ligada à possibilidade de produzir saberes, sentidos e formas de sobrevivência desde a ferida. Em Anzaldúa, a sensibilidade desenvolvida por sujeitos expulsos ou marginalizados aparece enquanto uma forma de sobrevivência e de conhecimento, e essa aproximação ajuda a perceber que a ferida também pode produzir modos específicos de leitura de mundo. Em Mombaça (2021) a "quebra" ilumina a vida dilacerada pela violência do mundo sem romantizar a dor que percorre –gesto muito distinto daquele empreendido por leituras que insistem no sacrifício. Trata-se de perceber a emersão de sentidos e gestos possíveis nesse lugar de fratura.

Por fim, a politização da ferida se explica na possibilidade de enunciar a partir da quebra. Negar a possibilidade de enunciar a partir desse lugar, seja por atribuí-lo à insanidade, seja por destituí-lo de possibilidades de construção de verdade, implica negar a esses corpos a possibilidade de criar sobre suas próprias vidas. É necessário compreender que não cabe a estes corpos coincidir com as expectativas que se projetam sobre eles, pois tornam-se pessoas através de mecanismos diversos daqueles que produzem os corpos que exercem poder. O investimento nessas formas de compreensão e ação pode na verdade ser a chave para um verdadeiro giro ético-estético da vida, apoiado naquilo que está "aquém do individual", em virtude do dismantelamento do sujeito violentado, e além da coletividade, "porque inassimilável do ponto de vista das lógicas coletivas generalizantes" (Mombaça, 2021, p. 23).

É a partir desse terceiro movimento que se abre a pergunta pela partilha da quebra. Nesse sentido, a politização da ferida não se limita à exposição da dor. Trata-se, nos termos de Mombaça, de "politizar a ferida" e encontrar "um modo de estar juntas na quebra" (Mombaça, 2021, p. 26). Mas como pode um sujeito fragmentado compartilhar algo com outros? De que maneira este dismantelamento a aproxima de seu mundo e de sua gente? E mais, que tipo de compreensão pode surgir a partir de tal situação sem que isso culmine na aniquilação do sujeito ou do corpo?

Antígona como "vida quebrada"

Primeiramente, é necessário apercebermo-nos que a quebra de Antígona a precede. Nesse sentido, a leitura zambraniana já indica que Antígona não chega à tumba a partir de uma vida íntegra posteriormente destruída. Como observa Costa, a Antígona de Zambrano "não se suicidou em sua tumba" porque "nunca havia disposto de sua vida" (Costa, 2024, p. 4). A quebra, portanto, não começa na condenação de Creonte; ela acompanha a própria constituição da personagem. Em verdade, de sua família, de seu povo e do poder, ela herda as feridas do próprio mundo.

A própria Zambrano sugere essa anterioridade ao afirmar que, sobre Antígona, "algo essencial, que não pode ser dividido, tomou conta dela" (Zambrano, 1986, p. 209, tradução nossa). A quebra, assim não começa com sua decisão diante de Polinices; ela se enraíza numa herança familiar e histórica que a antecede. A tragédia de Antígona é a tragédia da lei, do despotismo, da ordem social que produziu sua dor e seu fim. E apenas a partir de tal dor, que ela compartilha com os outros que como ela foram dilacerados, ela pode desenvolver em si um sentido de dignidade que ultrapassa o sujeito ferido e a coletividade. Ora, para além de um compromisso com pressupostos morais pessoais ou de seu tempo, Antígona aproxima-se de uma ética da vida quebrada, pelo seu desterro, a única vida que conheceu.

Lidar com a maldição que acometeu sua família e o erro e exílio de seu pai, do qual Antígona teve de cuidar, visto que então ele estava cego, significava necessariamente negociar os seus valores com a situação que lhe foi imposta. Filha do "rei-mendigo, inocente-culpável" como ressalta Zambrano (1986), ela não teve oportunidade de solidificar os próprios valores, "arrancada de seu sonho de menina", e, não apesar, mas talvez em função disso, tenha desenvolvido uma verdadeira aproximação da ideia da dignidade humana. O fato de não abandonar o pai, sabendo que tudo que a esperava era desgraça, reforça essa posição.

Na morte de Polinices em combate com o irmão Etéocles, que também morre, é que vemos aflorar ainda mais pulsante o sentimento de Antígona. Creonte, tio de ambos e recém-entronizado, oferece os ritos funerários adequados a Etéocles e os nega para Polinices. A recusa dos ritos fúnebres condena Polinices a permanecer fora da ordem dos vivos e dos mortos, suspendendo sua passagem e sua dignidade.

Este desejo revela-se ainda mais intenso quando Creonte nega veementemente os pedidos de Antígona para que o irmão tenha as honras. Em Zambrano, esse gesto não se reduz ao vínculo privado com o irmão; nele "aflora" a fraternidade como força trágica e redentora (Zambrano, 1986, p. 211). Por isso, a reivindicação de Antígona torna visível uma dignidade que a cidade pretendia suspender. Ela atreveu-se até mesmo a roubar o cadáver do lugar onde Creonte determinou que ficasse e apodrecesse sendo pega no ato e presa.

Creonte não somente proíbe um rito; ele tenta administrar politicamente a ferida. Ao negar a Polinices a honra fúnebre, o soberano decide quais corpos podem ser integrados à memória da cidade e quais devem permanecer expostos ao abandono. Nesse sentido, sua lei não encerra a violência: ele a prolonga. Como sugere Zambrano, o tirano pretende selar a ferida multiplicando-a pelo opróbrio e pela morte.

Antígona sabia que quem tentasse fazer o que ela fez pagaria com a vida. Contudo, o desejo de trazer dignidade ao irmão sobrepunha quaisquer pretensões

personais, visto que praticamente se entregou para a morte, ou sociais, uma vez que desobedeceu a lei e desonrou-se perante o povo. Isto aponta mais uma vez para a emersão, na protagonista, de um sentimento de vida que compreende algo que a ultrapassa enquanto corpo e que também ultrapassa os valores morais de sua época, apontando na verdade para a ferida que atravessa Antígona, sua família, seu povo e fornece substância para suas experiências de vida, constituídas nesta mesma ferida.

Fica evidente, então, que a tragédia da vida de Antígona é anterior a ela, sua existência já se encontra inscrita em uma trama trágica anterior à sua decisão. Esta tragédia sendo o lugar no mundo daqueles que são destituídos de chances, que são violentados e que vivem à margem. Mas se, por um lado, a situação de Antígona deve ser compreendida como histórica e social, também não pode ser encerrada numa simples ideia de coletividade. Em determinado momento, Mombaça (2021) reconhece que sua experiência – a de *juntar* e tensionar vidas quebradas – pode ser vista como um desastre, não do ponto de vista moral, mas pela sensação de pontas soltas, arestas malparadas, movimentos em aberto e exercícios inconclusivos que tal experiência deixou.

Estas sensações dizem precisamente a natureza daquilo que pode ser produzido a partir de tal posição e todas são indicativas da não-conformidade desta produção com aquelas vinculadas às dinâmicas político-ético-estéticas dominantes. Desta forma, pode-se afirmar que a consciência de Antígona acontece em razão de seu lugar na ferida histórica, mas direciona-se a ela. Articula-se de modo errante com o mundo que a confronta de modo que o resultado é ele mesmo imprevisível.

A dor de Antígona não pertence somente a ela, mas as forças que se organizam em seus gestos só puderam emergir a partir dela, e somente dela. Zambrano (1986, p. 220) oferece uma imagem precisa para essa condição ao falar de uma ferida formada pela "juntura impossível" entre o ser e não ser, ente o que foi e o que poderia ter sido. É nessa fissura que a consciência de Antígona se torna palavra e gesto. Esta é a possibilidade da vida quebrada: a de estar juntas na quebra, indo em direção ao que não se conhece, tendo como única certeza a resistência do mundo que produz a ferida e espera que ela não se espalhe, nem cicatrize.

Nesse sentido, a imagem de Mombaça é precisa, "uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele" (Mombaça, 2021, p. 28). De alguma forma, na ferida social histórica estão os gérmenes das possibilidades de novos mundos. Todavia, não cabe também depositar o sonho do futuro nestes corpos. Não porque não sejam capazes de carregá-los, mas porque suas vidas estão no *presente*. A Antígona tanto de Sófocles como de Zambrano, não deu a vida pelos ensinamentos que deixou, ou pelas mudanças que se desdobrariam depois dela. O fez pelo compromisso radical, que se recusou a abandonar, com a própria vida, com aqueles que amava, com aquilo que acreditava. Seus atos não encontram justificativa no porvir, mas na consciência presente, atual, que deriva de sua condição e se lança para o futuro, não um longínquo e perfeito, mas aquele do próximo passo, do próximo movimento, da próxima tentativa. O intento da realização destes atos está neles mesmos, na força que os impulsiona e na consciência que os produz.

Finalmente, vale ressaltar as consequências drásticas que resultaram da posição desafiadora de Antígona. Sua condenação também reflete a condenação daqueles que resistem à própria perseguição, precarização e violência. É

importante perceber o perigo no qual habita o corpo que, quebrado pelas lógicas universalizantes, resiste à abjeção que o cabe aos olhos do sistema. Este é o perigo no qual se forma e finda Antígona e tantos corpos, ainda hoje.

Se isto que descreve Mombaça, a possibilidade infinita daqueles que foram estilhaçados pelo mundo, inscreve-se necessariamente nesta situação de perigo, cabe refletir o que pode surgir neste terreno, também como possibilidade, que permita viver e criar a partir da quebra para além de perecer nela. Essa possibilidade de criação aparece em Mombaça quando a autora associa sua prática a "escrever, ler, traduzir, performar, criar, falar, pensar em voz alta contra" (Mombaça, 2021, p. 50). Essa dimensão política da quebra pode ser aproximada do modo como Mombaça compreende os ativismos do lugar de fala, não como mera disputa por representação, mas como ruptura nos regimes de autorização discursiva.

[...] não são os ativismos do lugar de fala que instituem o regime de autorização, pelo contrário. Os regimes de autorização discursiva estão instituídos contra esses ativismos, de modo que o gesto político de convidar um homem cis eurobranco a calar-se para pensar melhor antes de falar introduz, na realidade, uma ruptura no regime de autorizações vigente. (Mombaça, 2021, p. 85).

Em Antígona, algo semelhante ocorre quando sua palavra interrompe a autorização soberana de Creonte sobre os mortos e torna visível a violência que sustentava a ordem da cidade. Os ativismos, segundo Mombaça (2021, p. 89) "[...]do lugar de fala estão operando um movimento denso de redistribuição da violência, o que significa que, ao marcar o não marcado, estamos fazendo com que o modo como a violência foi socialmente distribuída seja bagunçado". A autora reconhece que "nada disso é sem dor ou desconforto", referindo-se à experiência que propôs ao juntar vidas quebradas e a tentativa política e estética que se instaurou com isso.

No entanto, "politizar a ferida", com todo o incômodo envolvido, parece, para a autora, ser uma forma de viver juntas, a partir dos efeitos singulares que a quebra produz em cada pessoa. Neste sentido, compreender o lugar histórico e social que os corpos ocupam, as contingências e coerções que ele produz e as dores que gera parece ser um passo importante para que aqueles marcados pela quebra possam forjar em si um senso de coletividade. A coletividade que emerge da quebra não é comunidade reconciliada, nem identidade comum plenamente reconhecível. Trata-se de uma forma instável de estar junto, fundada menos na semelhança do que na partilha de uma exposição comum à violência. Nesse sentido, Antígona fala sim por Polinices e sua família, mas também em seu gesto torna visível uma comunidade dos abandonados, dos corpos cuja dignidade foi politicamente suspensa.

Para compreender isso, é necessário perceber que o perigo, o risco e a fragmentação são antes possibilidades de vida, para os corpos cuja aniquilação parece inevitável, do que um simples se lançar à morte. Devemos atentar-nos: "e quando a gente quebra, que infraestruturas se precipitam, ao comando ou do descarte" (Mombaça, 2021, p. 34). O que se quer demonstrar aqui é que, mais do que dar-se ao perigo, trata-se de perceber o perigo como única oportunidade de continuar. Para os que habitam a ferida do mundo capitalista (ou despótico como o de Antígona) não há possibilidade que não atravesse o risco que é permanecer vivo e assumir o compromisso com a própria vida.

O que queremos dizer é que a existência em si, para esses corpos, aparece lastreada de violências com as quais estes devem aprender a lidar, se querem sobreviver. Assumir o perigo de se viver é primeiro passo para que se possa articular uma vida para além desse perigo, sem, entretanto, perdê-lo de vista. Se esta é a premissa para existir no mundo para determinados corpos, então é justo dizer que o que se tem é um "outro modo de habitar e enfrentar o mundo" (Mombaça, 2021, p. 26).

Este modo de habitar é o da quebra. A tumba, na voz da própria Antígona zambranianiana, torna-se paradoxalmente morada: "És um berço; um ninho. Minha casa" (Zambrano, 1986, p. 225, tradução nossa). A vida quebrada, então, não se pensa somente da expulsão, também é possível desde um modo precário de habitar aquilo que deveria encerrá-la. Reconhecê-la enquanto lugar e também enquanto possibilidade sem limites parece nos dar suporte para compreender o que surge a partir do corpo destituído de poder, cercado de violência e que, mesmo em tal situação – ou apenas em tal situação – resiste à aniquilação daquilo que surge dele, ainda que termine com sua vida. Este fenômeno menor que a existência e maior que a sociedade é o lugar mesmo de construção de sujeitos que desafiam seu tempo vivendo-o radicalmente.

Considerações finais

Respondendo à questão principal, afirmamos que a aproximação entre a Antígona de Zambrano e a "quebra" de Mombaça, não redime a violência sofrida nem converte a dor em virtude. Ela indica possibilidade de que uma existência ferida encontre modos de aparecer e de falar desde o lugar que tentou silenciá-la. É nessa passagem entre tumba e quebra, entre consciência e presença, que Antígona se torna uma figura filosófica para pensar formas de vida que persistem mesmo sob a ameaça da aniquilação. Nesse sentido, a vida que habita a margem do mundo, marcado pela violência e injustiça das quais é alvo, se reconhece e vive a partir das feridas que o mundo lhe causa, e esta experiência é coletiva.

No entanto, este coletivo, como aponta Mombaça, não pode ser submetido a entendimentos universalizantes. Semelhantes apenas na diferença radical que compartilhamos em relação àqueles que detém o poder e a palavra e que os usam para produzir esta ferida na qual nos tornamos gente. Quanto àquilo que se sucede, aquilo que surge e toma força a partir de uma vida quebrada, é algo que ultrapassa a existência, quando este assume o compromisso com o que nasce de sua situação, e que muitas vezes significa seu fim. Mas é este compromisso com o presente, com a própria situação, com a própria vida e com a vida daqueles que também habitam a ferida que é a potência da quebra.

Deste modo, Antígona não viveu pelo passado ou pelo futuro, por si mesma em egoísmo ou pelos outros em altruísmo. Viveu seu presente de forma pulsante, acreditou no sentimento que a guiava, acreditou em cada gesto que praticou e entregou apenas aquilo que podia entregar, ela que, como nós, habitou a ferida do mundo: sua resistência. Ainda que aqui não se proponha o ensinamento ético cristalizado pela tragédia, tomamos Antígona como exemplo paradigmático daquilo que é e que pode ser, daquilo que surge a partir de uma *vida quebrada*.

Ler Antígona como "vida quebrada" significa reconhecer nela uma figura de presença que emerge quando a vida já não pode pressupor sua integridade. A quebra não redime a violência sofrida, nem transforma a ferida em virtude. Ela apenas impede que a ferida permaneça muda. É nesse ponto que Antígona,

Zambrano e Mombaça podem se encontrar: na possibilidade de fazer da vida ferida um lugar de palavra, gesto e resistência.

Referências

ANZALDÚA, G. **Bordenland/Las Fronteras**. Tradução de Carmen Valle. ed. Madrid: Capitán Swing Libros, 2016.

COSTA, S. Antígona de María Zambrano: destemor, subversão e criação poética. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 2, p. 1-14, 2024. DOI: 10.4013/fsu.2024.252.10

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

ZAMBRANO, M. **La Tumba de Antígona**. Barcelona: Anthropos, 1986.

Recebido em: 05/2026
Aprovado em: 05/2026